

A ata original 28 anos depois

documento
história

Reportagem: Marlene Galeazzi
Fotos: Cláudio Alves

Leitura

"As 5:30 da manhã, nesta cidade de Anápolis, estado de Goiás, em 18 do mês de abril de 1965, S. Excia, o sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da República, leu e assinou a mensagem (...) em que pede seja decretada a mudança da capital..." Este foi, provavelmente, o primeiro "grito" de uma "criança" — Brasília — que dentro de mais alguns dias completa 24 anos de idade. Um "Grito" expresso numa ata até

hoje nas mãos de um único homem: Mestre Yokaanam. Considerada perdida por muita gente, Mestre Yokaanam permitiu, agora, quando são completados 28 anos da assinatura que o fotógrafo Cláudio Alves fotografasse o original do documento e conversou longamente com a repórter Marlene Galeazzi. E conta uma história, quase incrível, que começa com os problemas de pouso de um avião onde viajava o presidente da República.

Poucas pessoas, junto a um pequeno balcão do aeroporto de Anápolis, por causa do mau tempo que dificultava um voo noturno do Douglas presidencial, no dia 18 de abril de 1966 testemunharam uma improvisada cerimônia que foi o passo decisivo para que a capital federal fosse mudada do litoral para o Brasil Central: a assinatura, pelo então presidente da República, de uma mensagem que seria enviada ao Congresso Nacional e de uma ata subscrita por todos os presentes. Um fato que Juscelino Kubitschek, num de seus livros, classificou de "a criação do alicerce em que se apoiaria a estrutura de um novo Brasil". Vinte e oito anos depois, o *Jornal de Brasília* teve acesso e fotografou o original de um dos dois documentos: a ata, considerada perdida por muitos, mas que nunca saiu do Planalto Central e até hoje sob a guarda do pioneiro número um destas plagas onde surgiu a odisseia de Brasília — Mestre Yokaanam, fundador, líder espiritual e orientador da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, cuja sede fica localizada no interior de Santo Antônio do Descoberto, próximo ao Distrito Federal.

Pelo tempo, a ata já está amarelada

As duas folhas do papel fino, por causa do tempo e por estarem guardadas dentro de vários envelopes que, por sua vez, há mais de duas décadas ficam no fundo da gaveta de um maço de cofre de aço, estão amareladas. Mas o texto, escrito à mão, continua nítido. Nele pode-se ler: "As 5:30 da manhã, nesta cidade de Anápolis, estado de Goiás, em 18 do mês de abril de 1965, S. Excia, o Sr. Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da República, leu e assinou a mensagem dirigida por V. Excia. ao Congresso Nacional em que pede seja decretada a mudança da Capital da República para a região do Planalto Central para um fim escolhido na área que constituirá o futuro Distrito Federal. Para que conste nos anais da Câmara Municipal de Anápolis, o Deputado Federal pelo Amazonas, Dr. Francisco Pereira da Silva, presidente da Comissão Parlamentar da mudança da capital, da Câmara dos Deputados, lavra esta ata que vai assinada por S. Excia, o Sr. Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira e pessoas presentes. Anápolis, 18 de abril de 1966".

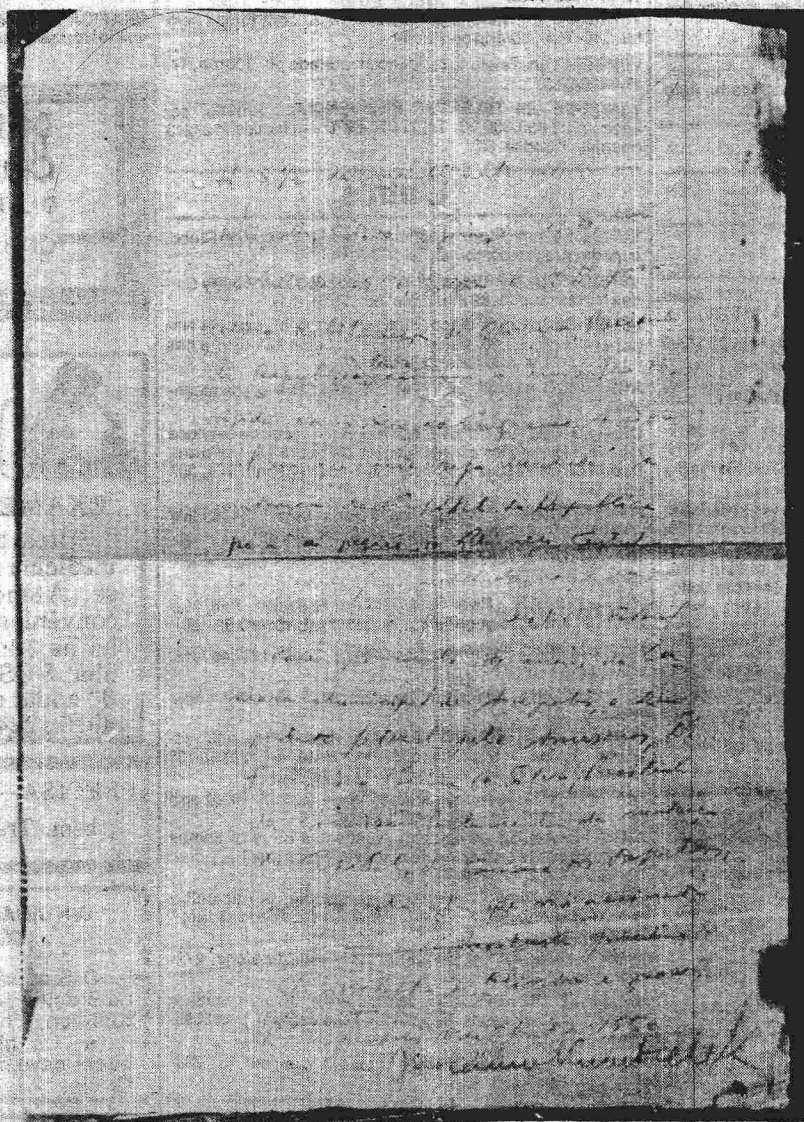
A ata original, um documento histórico, foi procurada durante muitos anos por pessoas interessadas no assunto, inclusive pelo Instituto Histórico do Brasil. O

Mestre Yokaanam, a quem a ata, segundo ele, lhe "foi confiada naquela madrugada de 18 de abril de 1966, por alguns militares", levou muito tempo para divulgar o fato. Preferiu guardá-la em silêncio. Mais tarde falou sobre ela, mas sem mostrá-la. Isto levantou dúvidas sobre a questão e provocou, em certo período uma verdadeira correria de interessados na ata à Cidade Eclética — que nada conseguiram. O Mestre afirma que ela "somente sairá de lá quando houver ordens da presidência da República — e com compromissos militares. Sem isto, ela fica aqui. Está bem guardada e em boas mãos. Afinal de contas, se não houvesse interferência e contribuição no sucesso do pouso do avião presidencial, ela não teria sido assinada em Anápolis".

Perigoso voo noturno modifica os planos

E qual foi exatamente a participação do Mestre Yokaanam nesta história toda e como a ata foi redigida num balcão do Aeroporto de Anápolis? O ex-aviador, especializado na Alemanha em vôos cegos e aterrissagens sem visibilidade, piloto de Getúlio Vargas quando ele era Presidente da República, e hoje líder de uma comunidade religiosa eclética, genuinamente ecumênico, conta:

— Muitos anos já se passaram mas lembro como se tudo tivesse acontecendo agora. Era vésperas de 18 de abril de 1966. Eu estava jantando em Anápolis, no Palace Hotel. Bom Jesus, quando chegou o prefeito da cidade com o presidente da Câmara e um sargento. Eles vinham a minha procura. O sargento — que estivera na guerra — sabia que eu tinha o cruce de vôo cego e que era especialista no assunto. Aliás, naquele tempo, a minha especialidade era muito comentada. Os três chegaram perto de mim e um deles disse: "o senhor tem que dar um jeito, já que está acostumado a decolar, voar e pousar cego, sem visibilidade e na cortina. O avião do presidente está sobrevoando a área e está em perigo. A Rádio Karajá, a única que existia naquele tempo, gritava para o mundo pedindo socorro para o avião presidencial de Juscelino Kubitschek que tentara pousar em Goiânia e que, por falta de visibilidade, por dificuldades de operação, não pousou. Ele iria voar, gastando gasolina, até às 4 horas da manhã, para depois pousar de barriga, de qualquer maneira. Estava praticamente perdido. Eles pediram que eu providenciasse uma solução para o caso. Respondi: "Perfeitamente. Nestas horas, manda quem pode e obedece quem deve. Cabe a S. Excia, então, senhor prefeito, fomar as providências sob minha orientação. Eu vou para o Aeroporto,



Junto a um pequeno balcão do aeroporto de Anápolis foi assinada a ata que hoje completa 28 anos e JK considerou em seus livros como sendo "a criação do alicerce em que se apoiaria a estrutura de um novo Brasil"



Yokaanam é o fundador, líder espiritual e orientador da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, com sede localizada no interior de Santo Antônio do Descoberto, próximo ao DF

preparo tudo e chamo o avião para pousar em Anápolis. Assim foi feito. Pedi que telefonasse para a torre de Goiânia e ela, por sua vez, comunicasse ao avião que entrasse em frequência com a torre de Anápolis. Depois disto, o avião passou a voar diretamente para a estação. Também pela Rádio chamei os motoristas de táxi e dois caminhões. Eles ficaram sob minhas ordens, iluminando o Aeroporto com estopa molhada em querosene mais o farol dos caminhões. Tudo deu certo. Eles desceram, alguns dos passageiros ainda um pouco preocupados, foram até o balcão do Aeroporto onde se alimentaram, já que não haviam jantado, pois não conseguiram descer em Goiânia. Depois, redigiram a ata que me foi entregue — alguns militares determinaram que ela ficasse em minhas mãos. Depois do acontecimento, quando eles foram embora, tirei xerox e mandei uma cópia para o Palácio das Esmeraldas, em Goiânia, e uma para o Congresso Nacional. A original está comigo estes anos todos e já afirmo que somente a entrego por ordem expressa do presidente da República".

O episódio contado por Juscelino

O episódio relacionado com o mau tempo, a mensagem e a ata inesperadamente assinada e redigida no Aeroporto de Anápolis

foram citadas por Juscelino em um dos seus livros. Ele escreveu: — "...Meu objetivo era Manaus. Da capital do Amazonas, seguiria, ainda por via aérea, até a região do rio Madeira, fazendo em navio o percurso final até as margens do rio Abacaxis, de onde viajaria de jipe até o local de perfuração petrolífera no município do mesmo nome. Desse poço, rumaria diretamente para Nova Olinda. Entretanto, havia uma circunstância que me forçava a fazer uma parada em Goiânia. E que ali, em ato solene, deveria assinar a mensagem a ser enviada ao Congresso, acompanhada de projeto de lei, propondo a mudança da capital da República para o Planalto Central. Esse dever, iria realizá-lo, em cumprimento à promessa feita durante a campanha eleitoral, num comício em Jataí, naquele estado.

Conforme o brigadeiro Fleiuss previra, a viagem fora uma temeridade. Depois de algum tempo de vôo, o avião perdeu a rota e deixou-se levar sem rumo por duas horas, dentro da noite. Voávamos às cegas, ora em círculo, ora em linha reta, na expectativa, de um desastre iminente. Ao amanhecer, avistamos uma localidade, que o piloto identificou como sendo a

cidade de Morrinhos, no Estado de Goiás. Tomando aquela cidade como ponto de referência, ele orientou o avião na direção de Goiânia, onde, segundo estava programado, uma grande recepção me aguardava. Entretanto, ocorreu um fenômeno curioso ao atingirmos o aeroporto da capital goiana. Quando sobrevoávamos o local, uma nuvem branca e densa, como um imenso floco de algodão, estacionou exatamente em cima da pista, impedindo a aterrissagem. Após várias tentativas, todas frustradas, decidimos seguir para Anápolis, situada a mais ou menos meia hora de vôo de Goiânia.

"Ali, o avião pousou normalmente. Deixamos o aparelho, atravessamos o edifício da administração e entramos num pequeno café que acabara de abrir as suas portas, situado ao lado do aeroporto. Alguns minutos depois, surgiram umas quatro ou cinco pessoas, que nos olharam com surpresa e, em seguida, deixaram o local em busca do chefe político e das autoridades do município.

Quando estes chegaram, expliquei-lhes o motivo da inesperada visita e disse-lhes que, não poden-

do perder tempo, pois estava de viagem para a Amazônia, decidira realizar em Anápolis a cerimônia da assinatura da mensagem que ia enviar ao Congresso, solicitando autorização para providenciar a mudança da capital. Assim, o ato solene de Goiânia, que deveria ter lugar em praça pública, com a presença de milhares de pessoas, realizara-se em Anápolis, no interior de um botequim do aeroporto, assistido apenas por poucos. A mensagem foi assinada e, ali mesmo, redigi uma ata que foi subscrita por todos os presentes. Essa viagem tornou-se, pois histórica. A mensagem e a ata tiveram a mesma data: 18 de abril de 1966".

Apesar do feito do Mestre Yokaanam não ter sido citado possivelmente o piloto do avião não informou ao presidente as condições em que o avião pousaria. Ele diz que está acostumado com estas coisas e não se preocupa, pois "a história, custe o que custar, um dia termina contando sua própria verdade". E a mesma coisa em relação aos "tão comentados pioneiros". O mestre afirma: "Com os homens, sem os homens e apesar dos homens — queiram ou não queiram reconhecer, sou o pioneiro número um. Cheguei aqui, juntamente com meus discípulos, em janeiro de 1966. Portanto, antes da assinatura da mensagem que autorizava a transferência da capital. Junto a nossa Comunidade fica a estrada pioneira e por ela passaram todos os caminhões que faziam as mudanças para Brasília ou levavam material para construção. Ajudamos muito nisto. Para auxiliar alguns caminhões da presidência — os que estavam fazendo mudança — fundi a máquina do meu Jipe Land Rover que comprara em prestação, em Anápolis, quando cheguei, da falecida artista americana Joana Lowell. Muita coisa em relação a Brasília ainda não está bem contada ou bem explicada. Inclusive a não utilização da estrada pioneira, a que já existia, para ligar Brasília a Anápolis".

"Naquela época uma pessoa que trabalhava com ele veio me visitar e trouxe um recado do presidente: 'Você cuide espiritualmente de nós que cuidaremos materialmente da comunidade eclética'. Nada disto aconteceu. Consegui, na verdade, apenas um caminhão de desmonte, através de um italiano que trabalhava em Brasília e era pai de uma jovem que nós havíamos curado de asma. Ele tinha conseguido vários caminhões da sobra de tábuas para a gente, mas terminaram autorizando apenas um. Apesar disto tudo, gosto da capital, da grande obra que foi Brasília e do futuro que ela terá. Aliás, isto eu já havia previsto há muito tempo, ainda no Rio de Janeiro e um dos meus discípulos levou o fato ao conhecimento do presidente Juscelino. Ele se chamava Nicodemos, era filho de Montes Claros e amigo do presidente. Foi ao Palácio do Catete e, juntamente com os aviadores Prates e Fittipaldi, levou minha mensagem ao presidente. Eu havia recebido ordem da estrela (espíritos) para que falasse a ele para que a capital fosse mudada. Eu também fora encaminhado espiritualmente para a Biblioteca Nacional — onde encontrei as profecias de D. Bosco. Juscelino falou a Nicodemos que iria estudar o assunto. Brasília hoje aí está dentro de sua fantástica realidade. A ata original de autorização de sua transferência, em meu poder. Daqui para a frente ela não será mais fotografada. Ficará guardada comigo até receber ordens da Presidência. É uma determinação".

"Com os homens, sem os homens e apesar dos homens, queiram ou não queiram reconhecer, sou o pioneiro número um. Cheguei aqui, juntamente com os meus discípulos, em janeiro de 1966. Portanto, antes da assinatura da mensagem que autorizava a transferência da capital."

